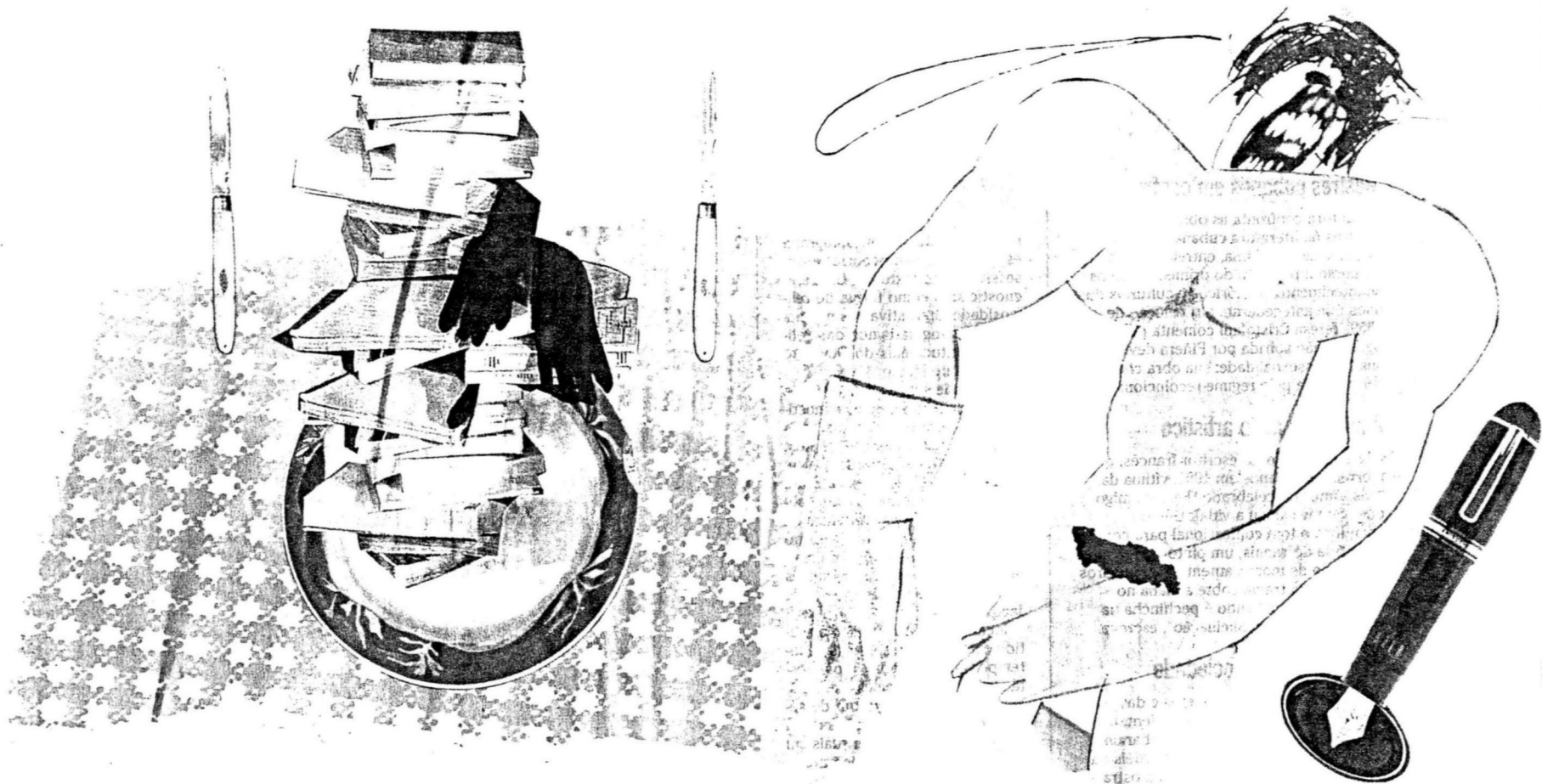


BIENAL DO LIVRO: Organizadores do evento esperam 1,5 milhão de visitantes e planejam movimentar US\$ 75 milhões

Cavalcante



Um banquete para o leitor

Mais de 800 expositores participam da maior feira literária do Brasil, em São Paulo

Daniela Name

Agora há uma prova física que derruba aquela velha história de que o brasileiro não gosta de ler. Este ano, a Bienal do Livro de São Paulo cresceu tanto que precisou mudar de endereço para conseguir atender ao número de expositores. Em sua 14ª versão, o maior acontecimento literário do Brasil deixa o já tradicional Centro de Exposições do Ibirapuera para ocupar os 43 mil metros quadrados do Expo Center Norte, na Vila Guilherme. A feira, organizada pela Câmara Brasileira do Livro, acontece de 13 a 25 de agosto e tem números impressionantes. A CBL investiu US\$ 8 milhões com a publicidade e a montagem do evento, US\$ 5,5 milhões a mais do que foi gasto ano passado na Bienal do Livro do Rio.

As marcas provam que já não existe o temor do ano passado, quando editores e livreiros chegaram a pensar que a Bienal do Rio traria a constatação da crise no setor. Chegou-se a dizer que 1995 seria o ano da Bienal da crise, uma substituta para a Bienal do Real e da euforia do ano anterior. O desânimo do mercado foi surpreendido por recordes de venda e de público: cerca de 1,2 milhão de cariocas participaram do banquete do livro e transformaram "Lições de coisas", de Darcy Ribeiro, na obra mais disputada pelos comensais. O livro infanto-juvenil vendeu mais de quatro milhões de exemplares.

Darcy tem tudo para repetir as marcas estelares este ano, quando lança "Diários índios" e "Os in-

dios e a civilização", pela Companhia das Letras. Mas a feira tem um cardápio para todos os gostos: das novas "Comédias da vida privada", de Luís Fernando Veríssimo, à história de Lee Oswald contada por Norman Mailer. De "O monte cinco" (Objetiva), último romance de Paulo Coelho, a poemas inéditos de Cecília Meireles (Nova Fronteira). De Noam Chomsky e Harold Bloom a Chico Anysio, de Paulo Francis e Carlos Heitor Cony a Ruth Rocha, Sylvia Orthoff e Ana Maria Machado — fadas-madrinhas da literatura infantil. Há também edições de arte, livros de receita e CD-ROMs. E há dezenas de produtos — de revistas para pintar e recortar a livros sonoros — com "O corcunda de Notre Dame", a nova mania inventada pelos estúdios Disney.

Laura Esquivel, autora de "Como água para chocolate", é o destaque dos autores estrangeiros que darão autógrafos no Expo Center Norte. Além dela, que lança "A lei do amor" pela Martins Fontes, o forte são quatro escritores portugueses: Augusto Abelaira, Daniel Sampaio, Vasco Graça Moura e Eduardo Lourenço, este último vencedor do Prêmio Camões, estarão no stand de Portugal conversando com os leitores brasileiros e autografando

OS NÚMEROS DA BIENAL

Público esperado	1,5 milhão de visitantes
Volume de negócios	US\$ 75 milhões
Área total	43 mil m ²
Títulos expostos	152 mil
Lançamentos	3 mil
Autores esperados	900
Países estrangeiros participantes	22
Número de expositores	811
Investimento na realização	US\$ 8 milhões

seus livros. O Icep (Investimentos, Cultura e Turismo de Portugal) tem o maior stand da Bienal e, à moda de Caetano Veloso, quer mostrar por que nossa língua roça na de Camões.

— Investimos na promoção de autores vivos e queremos fazer a ponte entre as literaturas brasileira e portuguesa — explica Paulo Machado, representante do Icep no Brasil.

Apesar da ênfase em autores vivos, o Icep vai comercializar títulos clássicos e edições de luxo de obras de Fernando Pessoa, Mario de Sá-Carneiro, Camões e Florbela Espanca. Portugal é um dos 21 países estrangeiros que participam da Bienal, que contará também com a presença de editoras espanholas, francesas, argentinas, italianas e cubanas.

Apesar de São Paulo se revezar com o Rio na tarefa de anfitrião do banquete do livro, os paulistas acreditam ter tempero e gula suficientes para manter uma feira anual. Altair Brasil, presidente da CBL, já anunciou que, a partir de 1998, a Bienal volta a terras paulistas para não sair mais.

— A feira estaria no calendário anual da cidade e, quando coincidisse com a do Rio, os escritores reuniram fôlego para atirar nas duas direções — explica Brasil. — A literatura só tem a ganhar com

um maior número de feiras. Quanto à Bienal deste ano, acredito que vai mostrar que o mercado amadureceu, tanto no que diz respeito ao conteúdo e à variedade quanto na parte gráfica dos livros. Nós esperamos vender mais de 15,5 milhões de exemplares.

Os editores cariocas não gostaram muito da ideia da bienal permanente em São Paulo, pois temem que o mercado não tenha fôlego para agüentar, ano sim, ano não, duas feiras ao mesmo tempo — uma carioca e outra paulistana. Mas preferem descascar o abacaxi depois que a feira acabar, quando os lucros estiverem contabilizados.

A feira permanente em São Paulo, cantada aos quatro ventos desde o ano passado, não é o único motivo para faltas de apetite no banquete literário. As editoras pequenas reclamam que gigantes como a Record, a Melhoramentos e a Bertrand ganharam uma localização privilegiada em relação às outras. O presidente da CBL diz que o mapa respeitou a ordem de inscrição. As brigas não são o maior problema. Cariocas e paulistas, grandes e pequenos, sabem que a Bienal pode ser a cura para uma velha anemia do setor. A situação do mercado editorial é estável desde o Plano Real, mas, passada a euforia dos primeiros meses, as editoras perceberam que a estabilização foi feita por baixo.

— Não levamos sustos com grandes quedas, mas continuamos tendo que oferecer títulos em consignação para os livreiros — diz Cristina Zahar, da Jorge Zahar Editor — Estamos precisando de uma injeção de ânimo.

Que venha o banquete então, sem os riscos da azia e da má digestão. ■